

A mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil: entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira

The pioneering woman in academic research on football in Brazil: interview with Maria do Carmo Leite de Oliveira

Wesley Barbosa Machado

UENF Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil
Mestre em Cognição e Linguagem, UENF
202314120022@pq.uenf.br

RESUMO: Entrevista com Maria do Carmo Leite de Oliveira, mulher pioneira na pesquisa acadêmica sobre futebol no Brasil. Em 1974, publicou o livro *Futebol: fenômeno linguístico*, resultado de sua dissertação de mestrado em Letras: Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, obtida em 1973. Lançado há mais de meio século, esse livro apresenta uma análise do futebol sob o viés linguístico por meio da imprensa, permanecendo uma referência para pesquisadores nas áreas de futebol e linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Maria do Carmo Leite de Oliveira; Futebol; Linguagem; Futebol e linguagem; Cultura popular brasileira.

ABSTRACT: Interview with Maria do Carmo Leite de Oliveira, a pioneering woman in academic research on football in Brazil. In 1974, she published the book *Futebol: fenômeno linguístico*, the result of her master's thesis in Literature: Portuguese Language from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, obtained in 1973. Released over half a century ago, this book presents an analysis of football from a linguistic perspective through the press, remaining a reference for researchers in the fields of football and language.

KEYWORDS: Maria do Carmo Leite de Oliveira; Football; Language; Football and language; Brazilian popular culture.

Nascida em Cinfães do Douro, Portugal, em 1948, Maria do Carmo Leite de Oliveira é doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com pós-doutorado na Universidade de Lisboa. É professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora do grupo Discurso, Interação e Práticas Profissionais. Especialmente, atua como orientadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Maria do Carmo tem prestado consultoria sobre comunicação no ambiente de trabalho e ministrado cursos sobre produção de textos empresariais e comunicação interpessoal. Estão, entre seus clientes, Banco Central do Brasil, Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), Rede Globo de Televisão, Eletrobrás, Petrobras, Furnas Centrais Elétricas, Light, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Operador Nacional do Sistema Elétrico.

* * *

Wesley Barbosa Machado: Professora Maria do Carmo, qual a data e o local de seu nascimento?

Maria do Carmo Leite de Oliveira: 05 de julho de 1948, nasci em Portugal, Cinfães do Douro. Mas foi uma ideia da minha mãe que já tinha três filhos brasileiros e resolveu que eu ia nascer em Portugal para homenagear meu pai. E assim foi.

Como começou sua relação com o futebol?

Começou como membro da minha família! (risos). Explico melhor: meu pai era português, meu tio-avô foi presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama de 1948 a 1950. Logo, todos os descendentes nascem com uma Cruz de Malta no peito.

Qual o nome do seu tio-avô que foi presidente do Vasco?

Antonio Rodrigues Tavares.

Como surgiu a ideia de pesquisar sobre futebol?

Em termos de interesses de pesquisa, eu diria, adaptando o verso de Drummond, que um anjo me disse: “Vai, Carmo, ser *gauche* na vida!” – acadêmica.

Os estudos na área da linguagem, nos anos 70, tinham como foco a teoria gerativista. Na contramão dessa tendência, eu estava mais interessada na questão do sentido. Logo um estudo semântico da linguagem do futebol contribuiria para o entendimento dessa paixão nacional e dos valores da cultura brasileira subjacentes. A análise dos dados explicitou como o machismo, o racismo e a religiosidade de matriz africana e de tradição cristã presentes na cultura brasileira emergem na linguagem do futebol. A alta desigualdade da sociedade brasileira

também é espelhada no mundo do futebol, em que jogadores, marcados por um destino de nascer e morrer na mesma classe social, encontram no futebol um meio de ascender socialmente.

Como é para você ser uma mulher pioneira pesquisadora de futebol no Brasil? Em que ano você defendeu sua dissertação de mestrado?

Para ser honesta, àquela época fui mais orientada pela paixão pessoal e relevância teórica e social do tema do que pelo vanguardismo. Isso ficou mais claro para mim em 2021, quando fui convidada a dar uma entrevista no portal *Ludopédio*,¹ especializado em estudos e entrevistas sobre futebol.

Esse convite me fez olhar para o retrovisor, para uma dissertação que foi defendida em 1973. Relendo o livro,² reconheci o vanguardismo do tema e de ter sido produzido por uma mulher. Como sabemos, passaram décadas para que o mundo do futebol abrisse algumas portas para as mulheres hoje.

Como as crônicas de futebol chegam ao público leitor de massa? Que papel têm estes cronistas de futebol? E como a publicação das crônicas de futebol em livros muda o público leitor?



Profa. Maria do Carmo Leite de Oliveira em 2023.
Foto: Acervo pessoal da entrevistada.

¹ SPAGGIARI; LOURENÇO; KESSLER; DANTAS. Entrevistas: Maria do Carmo L. de Oliveira, *Ludopédio*, 2021.

² OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro-RJ: Documentário, 1ª ed., 1974.

Eu vivi numa época privilegiada em termos de cronistas esportivos. Os grandes jornais veiculavam textos sobre futebol de Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira e tantos outros. Liam esses textos não só os apaixonados pelo futebol, mas também os apaixonados pelo modo criativo, artístico como a linguagem era usada. Eram textos preciosos em todos os sentidos. A meu ver, isso é que explica, por exemplo, a publicação do livro *As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha*.³ Atualmente, gosto muito de ler o Tostão na Folha de São Paulo pelas mesmas razões. Mas acho que com a internet, outros estilos de cronistas vêm conquistando públicos, especialmente em podcasts e mesmo em narrações de jogos no *stream*. Acho que a massa está dividida.

Como fica a questão da propalada imparcialidade do jornalista esportivo quando escreve sobre futebol, que você comenta no livro ter um componente de "coloração emocional"? No caso das crônicas, o jornalista tem mais liberdade?

A coloração emocional marca um discurso orientado pela emoção, mas não necessariamente pela parcialidade. Olha, eu lamentei muito, quando O Globo deixou de publicar os artigos do Caju, sobre futebol. Como vascaína, talvez uma das coisas que eu mais gostava era a visão crítica que ele trazia sobre o Flamengo num determinado jogo. Sabemos que neutralidade não existe. Mas imparcialidade é possível, mesmo que com muito esforço. Nunca analisei, mas tenho certeza de que, num jogo

Brasil-Argentina, o grito do radialista quando o gol é do Brasil deve ser diferente daquele quando o gol é da Argentina. A duração em segundos do prolongamento do grito, o volume da voz ou outro aspecto prosódico deve variar, mas é pouco perceptível para a massa.

No seu livro *Futebol: fenômeno linguístico*, você antecipa, em 1974, fenômenos como o futebol como negócio. A partir de quando, você começou a perceber este fenômeno do futebol como negócio?

Quando fui buscar a literatura sobre a história do futebol, me dei conta que a passagem do futebol amador para o futebol profissional representou um estranhamento. Parecia mais fácil jogar por paixão pela camisa do que por dinheiro. No filme sobre a vida de Heleno de Freitas, essa paixão fica mais evidente, quando ele se revolta com seus colegas por receberem o 'bicho', mesmo tendo jogado mal. Para ele, não bastava resultado. Era preciso jogar bem e para jogar bem era preciso paixão.

Por gentileza comente mais sobre a fabricação de heróis no futebol pela imprensa, que você cita no livro.

Numa sociedade capitalista, o ser humano se tornou tão consumível quanto um produto na prateleira de um mercado – físico ou virtual. Até tempos atrás, clubes enriqueciam especialmente pela apropriação da força de trabalho de jogadores talentosos que asseguravam casa cheia. Hoje, para acumular capital, os

³ OLIVEIRA, Cesar. (Org.) *As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha*, 2017.

clubes nem mantêm mais a camisa tradicional que vestiram por anos. A cada temporada, temos uma camisa nova.

A mídia também vê o futebol como negócio. A cada temporada, as notícias elegem um jogador como herói. Isso vende jornal, conteúdo para sites, programas televisivos etc. O problema é que, ao categorizar alguém como herói, apaga-se a natureza humana desse jogador, isto é, a possibilidade de falhar. E se surge um jogador mais habilidoso, ele cai do Olimpo. Vai em busca de times pequenos, sai da grande cidade, quando submerge numa depressão. É do mercado: para uns ganharem, outros têm que perder.

Comente mais sobre a análise do discurso de cientificidade dos técnicos e da imprensa que você faz no livro. No apêndice do livro você traz um vocabulário do futebol. Como estas palavras são assimiladas na imprensa e, posteriormente, na literatura esportiva?

Aquele mapa lexical não expressa mais, na sua totalidade, a realidade do que ocorre na imprensa escrita ou falada. Muito da linguagem figurada usada naquela época refletia o que era chamado de futebol-arte, isto é, aquele que não se ensina e que deslumbra, como as jogadas de Garrincha e Pelé, só para citar alguns.

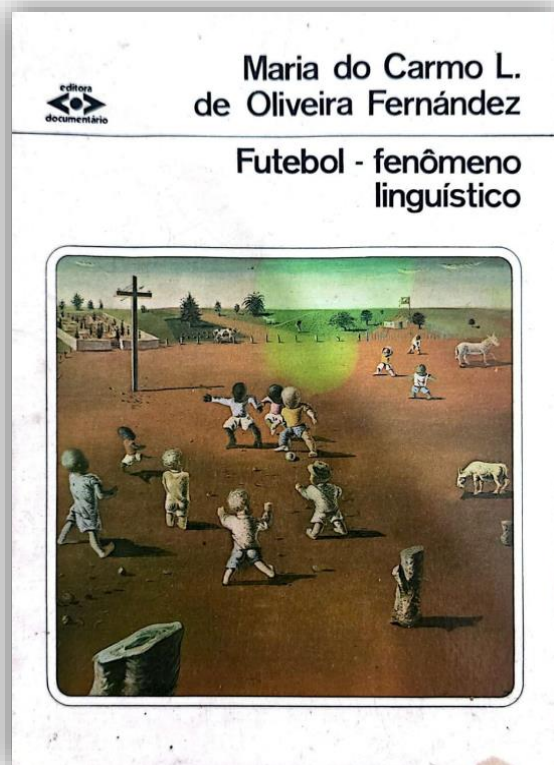
Os avanços da ciência vieram revolucionar nossas práticas, e o futebol não é uma exceção. A questão é que as contribuições da ciência são de bastidor e produzidas por cientistas. Um bom exemplo de divulgação do modo como a ciência pode contribuir para entender o sucesso de um jogador foi apresentado no programa televisivo *Esporte Espetacular*, de 17 de dezembro

de 2023. A reportagem convidou especialistas de diferentes áreas do conhecimento científico para explicar a química entre Cano e as redes. O que aparentemente foi feito de modo intuitivo, a ciência explicou.

Para mim, foi o melhor exemplo do que se entende como divulgação científica. Se o técnico se vale dessas contribuições da ciência, o papel dele é o de traduzir aquela linguagem técnica tanto para o jogador, quanto para a sociedade. Ele não pode é parecer cientista sem ser.

Como aplicar oficinas de crônicas de futebol em sala de aula de Língua Portuguesa?

Acho muito oportuna essa pergunta. Durante muito tempo, a escola não levou para a sala o estudo de diferentes gêneros discursivos. Salvo engano, não conheço nenhum livro didático que ensine o gênero crônica esportiva. Tenho certeza de que seria um assunto muito motivador para os alunos, ainda mais que, com a internet, deixamos de ser apenas consumidores de conteúdo, para sermos também produtores. A metodologia de ensino é a mesma usada para ensinar outros gêneros, como conto de fadas, uma notícia, uma propaganda etc.



Capa da 1ª edição do pioneiro livro *Futebol: fenômeno linguístico* (1974). Acervo pessoal da entrevistada.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Cesar. (Org.) **As 100 melhores crônicas comentadas de João Saldanha**. Pesquisa e seleção de crônicas: Alexandre Mesquita. Comentários: Alexandre Mesquita; Cesar Oliveira; Marcelo Guimarães. Macaé/RJ: Pebola, 2017.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. **Futebol: fenômeno linguístico**. Rio de Janeiro/RJ: Documentário, 1974.

SPAGGIARI, Enrico; LOURENÇO, Marco; KESSLER Cláudia Samuel; DANTAS, Marina de Mattos. Entrevistas: Maria do Carmo L. de Oliveira, **Ludopédio**, São Paulo, 22.69, v. 22, Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), 2021.

* * *

Recebido em: 08 ago. 2024.
Aprovado em: 19 jun. 2025.

* * *